

***A escola de Gramsci, de Paolo Nosella,***

**São Paulo: Cortez, 5ª edição revista e ampliada, 2016. 256 p.**

**Priscila Cassanti Sil Pereira**

Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho. São Paulo – SP – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8699-9158>

[pricassanti@hotmail.com](mailto:pricassanti@hotmail.com)

“O elemento construtivo é sempre o que mais se destaca na batalha política de Gramsci”. (p. 92)

A primeira edição de *A escola de Gramsci*, de Paolo Nosella, data de 1992 e visava esclarecer Gramsci e a Itália das primeiras décadas do século XX aos educadores brasileiros. Esta resenha baseia-se na 5ª edição revista e ampliada do livro *A escola de Gramsci*, do mesmo autor, que se sustenta na terceira edição de *Lettere dal Cárcere* lançado pela Editora Einaudi e que se tornou referência-base para estudos e pesquisas. Desse livro constam 428 cartas de Gramsci, algumas das quais inéditas. Para ilustrar o período que vai de 1921 a 1926, foi utilizado a edição antiga da mesma editora intitulada *Socialismo e Fascismo (1921-1922)* e *La Construzione del Partito Comunista (1923-1926)*.

Em meados dos anos 70 textos de Gramsci adentram às universidades brasileiras, trazendo contribuições teóricas e enriquecendo discussões acerca de conceitos

como “sociedade civil e política”, “hegemonia”, “intelectuais orgânicos e tradicionais”, “guerra de posição e guerra de movimento”, conceitos esses que alimentaram os educadores, permitindo-lhes pensar em uma educação menos pedagogicista e menos didaticista. Suas ideias também nutriram a ortodoxia ideológica da esquerda e preencheram espaços na abertura política da direita.

*A escola de Gramsci* pretende ser um trabalho de “tradução”, principalmente no que se refere à cultura, educação e escola dos textos gramscianos voltados aos educadores do Brasil, com o intuito de suprir o debate da escola em sua atual conjuntura histórico-política.

O primeiro escrito de Gramsci, com o forte apelo político que o marcaria até os seus dias no cárcere, data de 1914, início da Primeira guerra mundial. Período em que seria testemunha das lutas pela hegemonia econômico-política do século XX, entre os Mussolini, os Malatesta, os Nenni, classes e grupos sociais, intelectuais e empresários, partidos e instituições, nações e colônias, que se redefiniriam após o episódio. O jovem escreve um artigo assinado e publicado em um jornal do Partido Socialista Italiano – O Grito do Povo, intitulado “Neutralidade ativa e operante” na coluna “A guerra e as opiniões dos socialistas”. Neste, Gramsci esclarece que não se podia apoiar uma guerra se esta não defendia os interesses dos proletários, que ainda assim, combatiam e sofriam no embate. Revela também como a neutralidade foi vencida, em ocasião do atentado provocado pela Áustria em Sarajevo, quando a Itália declara guerra contra a, até então, sua aliada política e exige desta as regiões de Trento, do Sul do Tirol e de Trieste, que estavam sob o jugo da Áustria.

Gramsci faz uma crítica ao partido socialista, alegando que esse não possuía uma “linha política de ação clara, unitária e revolucionária”, (p. 45) decidindo, portanto,

pela neutralidade na Guerra e demonstrando o intento de preparar os rumos necessários para a “tomada do poder estatal por parte dos italianos”. (p. 46) Por alguns de seus companheiros, porém, esse artigo sobre a suposta “neutralidade na guerra” foi interpretado como insegurança por parte do autor. As ideias de Gramsci geralmente despontavam em sentido divergente das de seus colegas de partido gerando polêmicas, como por exemplo, a despeito de como deveria ser a formação cultural das massas, em que ele defende as atividades formativos-culturais para o proletariado mas rejeita a ideia de formá-lo dentro de uma cultura abstrata e burguesa. Nesse sentido, resgata a concepção de cultura de *Novalis (1772-1801)* que se reporta a esse conceito como tomada de posse de sua própria personalidade, consciente de sua história, função, direitos e deveres, dotada de reflexões inteligentes, afinal, toda revolução é precedida de crítica, penetração e difusão cultural de ideias.

Com relação à escola, Gramsci prima pela exploração do que denomina “engenho humano”, assim valorizando a capacidade individual, com vistas a igualdade de oportunidades. Essas ideias provocaram uma polêmica na Itália dos anos 80 acerca do que configurou-se como a terminologia “Escola do trabalho” e “escola do saber desinteressado”, cuja denominação se referia a uma cultura de visão ampla, coletiva, profunda e universal. Bem como o ensino na Universidade popular deveria ser livre e revestir o estudante em seu fascínio de pesquisa.

No ano de 1917, em plena revolução russa, Gramsci manifesta-se no jornal O Grito do Povo, fortalecido pela política de Lênin e acreditando de que algo haveria de acontecer na Itália, a exemplo dos comunistas russos. Em Turim realmente acontece uma grande efervescência ocasionada por manifestações e greve geral, resultando em mortes e prisões e colocando Gramsci na direção do jornal mencionado acima, que se

tornará o meio mais expressivo de comunicação do Partido Socialista Italiano do período. Apesar de dedicar-se agora inteiramente ao objetivo da revolução na Itália, jamais perdeu o “amor à cultura, à história, ao debate livre, aos autores clássicos e aos cientistas modernos, ao método historicista e ao Renascimento italiano” (p. 59), mantendo o jornalismo e cultura como marca registrada de sua atividade político-partidária, organizando e denunciando atividades anti-bélicas, o que lhe rendeu censuras e processos por parte do Governo. O Grito do Povo, de semanário de propaganda do partido, tornou-se uma revista de cultura e pensamento, de acordo com Piero Gobetti e contribuiu para a alfabetização mais do que as leis sobre o ensino obrigatório.

Em abril de 1919, Gramsci, Tasca, Togliatti e Terracini fundam *Ordine Nuovo*, uma revista semanal de cultura socialista, na qual abordou-se seriamente os problemas do que seria a revolução italiana e a estruturação de um novo Estado, em que fosse possível a atuação das forças revolucionárias do país. Após publicações de matérias preocupadas com ideias educativo-políticas, Gramsci, Togliatti e Terracini são convidados a debater nos círculos educativos, assembleias de fábricas e comissões internas, o que fez com que o público se reconhecesse nas concepções demonstradas de que a estrutura organizacional do novo Estado Socialista deve ser gerada a partir das próprias instituições operárias, imbricadas à produção agrária e industrial moderna. O partido, antes de mais nada, é uma escola para Gramsci, enraizada na prática industrial e pautada na concepção metodológico-didática do historicismo, ideia que vai se refletir na criação de uma escola de cultura em torno da revista *Ordine Nuovo*, cujo objetivo era formar intelectuais para o futuro novo Estado Socialista, técnicos e políticos de uma produção moderna, calcada na liberdade universal. Essa escola é inaugurada em 1920 e, mais tarde, remodelada para escola por correspondência. Nesse momento, o conceito de escola em Gramsci vai se modificando e adaptando-se de acordo com o contexto his-

tórico vivido, pois este se preocupa com a segurança dos ingressantes no Partido Socialista. Em verdade, preocupa-se com a ideia de uma educação fechada a médio e longo prazo e as suas consequências entre os militantes, cuja educação deveria ser intelectualmente aberta e livre, para que os homens pudessem exercer a sua autonomia.

A recessão na Itália, em 1921-1922, trouxe o desemprego, a pequena burguesia e a classe média esquivavam-se das pressões proletárias. Essa conjuntura fez florescer o movimento fascista na Itália, levando embora os planos e tentativas de revolução, sob o disfarce de respeitabilidade configurado em Mussolini, que cada vez mais forçava o silêncio do Partido Socialista.

A opinião de Nosella é de que os escritos de Gramsci redigidos durante a guerra, no período fascista e no cárcere, possuem as mesmas características historicistas, humanistas e abertas ao debate. A diferença está em quando sai, durante o fascismo, da moderna indústria da fábrica para refletir sobre o trabalhador italiano “como síntese político-didática entre o homem da indústria e o homem do campo”, objetivo central de sua tarefa (p. 107). Gramsci reflete sobre a relação da experiência de vida com a experiência escolar, demonstrando como esse processo ocorre de maneira diferente para a burguesia e a classe operária, cuja escola vem depois, complementando a experiência de vida política e produtiva, ao contrário da burguesia, a qual é moldada para a vida social antes de qualquer experiência fora da escola.

Dentre as cartas escritas no cárcere, são selecionadas 48 delas, cuja abordagem referia-se a questão educacional e escolar. Alguns dos temas versaram sobre a cultura geral, metodologicamente orientada e histórica. Em outras defendiam um método que valorizasse a experiência concreta do grupo, de forma que esse se tornasse o educador de si mesmo, seu amor pela língua e dialeto também transparecem nas cartas.

Já em outra demonstra preocupação com a educação da sobrinha Edmea, recomendando-lhe que cuidem da sua ortografia e do ato de desenhar, demonstrando certa rigidez com a educação desta, da mesma forma com que opina na educação dos filhos, recriminando a condescendência de Giulia, sua esposa, para com os filhos. O conteúdo dessas cartas exprime um Gramsci que conhece a realidade social e escolar italiana, e que, embora queira modificá-la, percebe o distanciamento político e ideológico provocado pelo fascismo. Também questiona a chamada pedagogia nova, insistindo na “positividade da disciplina diretiva e impositiva durante o período da pré-adolescência” (p. 142), com a crença que os bons hábitos podem ser adquiridos conjuntamente com liberdade e autonomia, de forma plena e responsável. Gramsci defende, contrariamente a Rousseau, que o homem é moldado no processo histórico desde a sua tenra infância e que, portanto, deve ser acompanhado e ensinado dentro desse curso.

No caderno 12, explicita um plano para uma profunda reforma na educação, pautado no Partido Comunista Italiano. Para tal feito, busca informações entre seus correspondentes, em retalhos de jornal e até de cartões-postais. Ao escrever sobre a Escola unitária, Gramsci defende a ideia de transformar em liberdade a necessidade, ou seja, compactua com uma escola que ensine a ser estrategicamente livre na luta pela transformação social. Também permeia a sua obra a problemática entre ortodoxia ou heterodoxia marxista, mesmo antes do aprisionamento, que pode ser reconhecida através de alguns escritos tais como *A Revolução contra o Capital* (1917), *O nosso Marx* (1918), entre outros que lhe trariam a suspeita de ortodoxia entre os seus. Há ainda uma discussão de que seus textos seriam a-historicistas na opinião de alguns educadores brasileiros, contrariamente à posição de Nosella, para quem se faz necessário entender o contexto histórico em que Gramsci elaborou seus textos, para compreendê-lo com maior rigor.